ESCREVENDO DESDE AS MARGENS:
sobre dois jesuítas, suas viagens e seus diários

Maria Cristina Bohn Martins[1]

Resumo: O trabalho tem como proposta discutir textos produzidos por dois missionários da Companhia de Jesus em circunstâncias diferenciadas geográfica e cronologicamente, mas aproximados pelo fato de escreverem "desde as margens". O primeiro é o Padre Samuel Fritz e seu famoso Diário (1689-1723), redigido a partir de sua viagem entre as missões dos Omáguas e Belém do Pará; o segundo é José Cardiel, que escreveu o Diário de uma missão ao Rio Sauce (1748), sobre o percurso que o conduziu de Buenos Aires ao "sul do sul". Busco nesta comunicação observar especialmente, de que forma estes textos contribuíram para ajudar a criar certas "tradições narrativas sobre os territórios em que viajaram.

****

A sociedade colonial hispano-americana é surpreendente sob muitas perspectivas, entre as quais estão a fantástica variedade de perfis étnicos gestados pelo processo de mestiçagem ou a riqueza de sua cultura festiva. Outro aspecto que talvez soe inesperado aos nãos especialistas na área, e que foi destacado na proposta deste Simpósio, diz respeito a expressiva quantidade de textos que foi gerada num mundo em que predominavam os iletrados. Dos "Diários" de Colombo e Américo Vespúcio às cartas e proclamações de Simon Bolívar aos seus seguidores nas guerras pela independência, a atividade escrita cobre os séculos da colonização espanhola. As controvérsias sobre a legitimidade da conquista e a natureza dos índios, o interesse e a necessidade dos religiosos em conhecer os costumes das sociedades que se propunham a evangelizar, a precoce fundação de universidades (México e Lima em 1551 e 1553 respectivamente) foram, entre outros, potentes estimuladores da prática escriturária nos territórios de além mar. Além do mais, há que se lembrar o compromisso da "monarquia espanhola" com um empreendimento em "escala planetária", o qual gerava, entre outras necessidades, a de "conhecer para governar" (MAZÍN, 2008). De acordo com a conhecida formulação de Angel Rama:

> *... no centro de toda a cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice reinais, houve uma cidade letrada que compunha o anel protetor do poder e executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais (1985: 43).*

[1] Doutora em História. Bolsista Produtividade CNPq. Professora do PPGHistória- UNISINOS.

Ente aqueles que exerciam as letras, isto é, a "gente de saber"[2], os religiosos ocuparam um plano especial. Os franciscanos por exemplo, foram inclusive considerados os precursores do registro etnográfico em virtude do empenho que vários deles, dos quais o mais conhecido é Bernardino de Sahagun, colocaram em descrever as sociedades da Nova Espanha.

Nos interessam aqui entretanto, textos que foram elaborados, não nas cidades onde atuava este "anel protetor do poder e executor de suas ordens", mas a partir das margens, embora - como veremos - estas sempre se estabeleçam em relação direta com o centro.

Viagens, mapas e diários:

Ainda segundo Rama (1985: 44), a fortaleza da cidade letrada derivou das exigências de uma vasta administração colonial, que buscava estabelecer e ampliar controles sempre burlados, e dos interesses e esforços empregados na evangelização da numerosíssima população indígena. Foi esta segunda necessidade que estimulou os padres da Companhia de Jesus a produzirem um conjunto absolutamente admirável de textos conformado por crônicas, cartas, sermões, dicionários e gramáticas, mapas e diários de viagem, entre outros tipos. Foi ela também, que conduziu os jesuítas para além das cidades onde fundaram colégios e exercitaram uma tarefa educativa incomparável. Desde as fronteiras, os jesuítas trabalharam na "conquista espiritual" dos nativos e deixaram vários testemunhos disto.

Este é o caso, por exemplo, do excepcional Diário do Padre Samuel Fritz, escrito pelo religioso nascido na Boêmia em algum momento entre os anos de 1650-1656[3], e que

[2] Segundo Mazín (2008: 55) apesar de usar-se atualmente o termo "letrados" com alguma freqüência, ele costuma estar associado prioritariamente aos "juristas e advogados"; daí que o autor prefira valer-se da expressão "gente de saber".

[3] Segundo Hernán Rodriguez Castelo, prefaciador da edição (1997, p.12) do Diário utilizada neste trabalho, existem divergências quanto ao ano de seu nascimento: para alguns, 1650 para outros, 1651, 1654 ou ainda 1656. O texto foi publicado pela primeira vez em 1889 por Marcos Jiménez de la Espada, como parte da obra *Noticias auténticas del famoso rio Marañon (1738)* do padre Pablo Maroni, missionário da Província de Quito entre 1729 e 1742. A edição (1997) que estamos citando neste trabalho foi feita em Quito, constituindo-se da terceira parte do livro de Pablo Maroni, emq UE aparece somente como o "Diário de Samuel Fritz". Além de uma extensa apresentação por parte de Hernán Rodríguez Castelo, a obra oferece não apenas os registros contidos no diário, como também

veio a ser um dos mais ativos sacerdotes das missões jesuíticas no Alto Amazonas[4]. Chegado à América em 1684, Fritz foi destinado para a Província de Quito. Segundo alguns de seus biógrafos, ele viajara ao Novo Mundo particularmente seduzido pela perspectiva de atuar em Maynas, para onde se dirigiu, em 1687, logo após ter professado o quarto voto da Companhia, já no Colégio de Quito. A informação de que ele buscou esta missão em especial é sugestiva para pensarmos acerca da circulação de informações nos colégios europeus sobre a "obra americana" (RODRÍGUEZ CASTELO, In: Fritz, 1997, p.13).

A Missão de Maynas iniciada na década de 30 dos Seiscentos e que se estendeu até a expulsão dos padres jesuítas da América em 1767, existiu sempre em meio a enormes dificuldades que se podem ser apontadas a partir de elementos como a dispersão das populações indígenas, a diversidade de línguas e grupos étnicos, muitas vezes vivenciadores de rivalidades tradicionais, a carência de "obreiros" e os desafios do ambiente amazônico. Também a cobiça dos encomendeiros "espanhóis" e das tropas de resgate luso-brasileiras pela mão de obra dos índios, acrescentava alto grau de instabilidade ao projeto dos padres da Companhia. Além disto, a falta de bases econômicas capazes de sustentar a prosperidade das comunidades, condição que se podia observar nas Missões do Paraguai, contribuiu para a fragilidade do empreendimento. O Diário, escrito entre 1689-1723[5] por Samuel Fritz, é um excepcional testemunho desta conjuntura. Ele não apenas permite que acompanhemos o processo de exploração e missionação jesuítica na região amazônica neste período, como também a dinâmica colonial estabelecida numa fronteira móvel. Participam desta dinâmica uma série de agentes além dos padres jesuítas e dos índios: religiosos de

---

um Memorial redigido pelo religioso para o Vice-Rei do Peru acerca do trabalho da Ordem nas missões do Marañon, suas dificuldades e necessidade de recursos.

[4] A Missão de Maynas se estendeu em uma imensa região compreendida entre os contrafortes andinos e a confluência do rio Negro com o Maranõn, área que atualmente faz parte dos territórios do Equador, Peru, Colômbia e Brasil. O Padre Samuel Fritz, que ingressou na Ordem dos Jesuítas aos dezenove anos (1673), passou para as Índias Ocidentais em 1685 ou 1686, destinado à Província de Quito.

[5] " Para escapar de la creciente grande que suele haber en este rio todos los años, á fines de enero del año de 1689, de la redución de San Joachin de los Omaguas, que es principio de mi mision, bajé para la aldea de los yurimaguas. En el camino fui tomando unas pocas aldeas de los omaguas, doctrinándolos de paso; lo más pasé de largo por las aguas, que ya venían creciendo" (FRITZ, 1997, p. 79).

outras ordens, capitães portugueses, soldados "espanhóis" e autoridades civis e eclesiásticas de ambos impérios.

De acordo com Antônio Porro, o Diário do Padre Samuel Fritz compõe, fora de qualquer dúvida, e ao lado das obras de Gaspar de Carvajal (1542) e Christóbal de Acunha (1639), o "conjunto das mais importantes fontes da antiga etnografia amazônica" (1993: 163). Além disto, seu relato denuncia fortemente as investidas portuguesas sobre as missões e sobre as populações indígenas assentadas em territórios, em princípio, castelhanos. Apanhadas em meio ao avanço das duas frentes de colonização, as sociedades ribeirinhas sofrem acelerado processo de desestruturação e é muito claro o panorama que se têm, a partir do Diário, do despovoamento da várzea do rio que estava então em curso.

O texto é escrito desde uma região marginal, em que as cidades são pequenas e precárias, e as autoridades vice-reinais distantes, na mesma medida em que o mundo indígena é próximo. O espaço em que missionava Samuel Fritz, e que ele procurou representar em seu Diário, pode ser tido como uma daquelas "geografias extremas" de que fala Ivone del Valle, nas quais os padres passavam longas temporadas praticamente sem qualquer companhia européia. "Su posicionamento en los límites del mundo conquistado los constituía precisamente en la vanguarda del imperio – aun contra su voluntad y a pesar de que muchas veces sus intereses se chocaran con los de los colonizadores" (2009: 2-13).

Suas representações sobre o ambiente em que se movimentou, colocam de relevo uma natureza ameaçadora e imprevisível, permanentemente ao sabor de fenômenos incontroláveis como as inundações e chuvas torrenciais, além do perigo dos animais e do flagelo quase insuportável dos insetos. Estas condições contribuíam para fazer agravar o quadro de febres e da exaustão física que acompanhavam o missionário.

Em sua atividade de catequese e de forma especial em sua famosa viagem para Belém (1689) e, depois, regressando para a "Gran Omagua" (1691), Fritz estabeleceu relações com muitos grupos aos quais doutrinou, mas, sobretudo, observou, inquiriu e escutou.

De acordo com Renan Freitas Pinto, o valor desta obra não está contido somente nas breves anotações incompletas do Diário de viagem, embora aí se encontrem algumas das mais importantes informações etnográficas para o conhecimento de vários grupos indígenas tanto do lado espanhol, como do lado português[6] da Amazônia de então. Segundo ele, sua importância reside, também, em podermos no que restou de sua versão original, certos elementos

> *... que se tornarão freqüentes nos textos literários sobre o vale amazônico, entre os quais vale destacar a descrição de elementos típicos da paisagem, a ocorrência de fenômenos naturais de conseqüências às vezes trágicas para as populações nativas como as inundações, as tempestades e os terremotos. Não faltam também situações de perigo e de aventura, quando o próprio padre Samuel Fritz enfrenta índios hostis e animais ferozes (PINTO, 2005: 104).*

Renan Pinto considera assim, que o documento em questão vem a ser uma das mais caras expressões da literatura de revelação do vale amazônico, "já possuindo rigorosamente a maior parte dos elementos que vão construir a mais forte tradição narrativa sobre essa parte do Novo Mundo" (2005: 104). Finalmente, a este aspecto se associa a importância de suas anotações para a identificação da Amazônia da perspectiva da ciência, em particular na fundação dos campos da geografia e cartografia, especialmente considerando que a viagem em torno da qual o texto foi redigido, permitiu ao jesuíta produzir importante mapa que se constituiu em ponto de partida para toda a cartografia amazônica subseqüente, inclusive para o famoso mapa do naturalista francês Charles Marie de La Condamine.

Datado de 1691, o documento produzido pelo missionário contém um dos primeiros delineamentos do curso principal do Amazonas e das embocaduras de seus afluentes. (PINTO, 2005: 104)[7]. Informa seu autor que, para "melhor conhecimento e informação geral relativos ao grande rio Marañon" elaborara um "mapa geográfico com não

[6] Sobretudo quando se constata a raridade ou até mesmo a inexistência de outras referências sobre certos grupos e etnias que aparecem mencionados em passagens do Diário.

[7] A confecção e revisão desta carta levou anos e anos de trabalho, até que, com o nome de *Mapa geográfico del río Marañón o Amazonas hecho por el Padre Samuel Fritz de la Compañía de Jesús, misionero en el mismo río Amazonas año 1691*, foi publicado em Quito, no ano de 1707 por Juan de Narváez e, mais tarde, reproduzido pelo naturalista da Expedição Geodésica Franco-Espanhola (1735-1745), Charles-Marie de La Condamine.

pouca dedicação e esforço, tendo-o navegado a maior parte de seu curso, até onde é navegável" (FRITZ, 1997: 31).

Analisando a viagem de Fritz em uma perspectiva que considera o quadro mais amplo das ações da Companhia nas Américas, Artur Barcelos avalia que ela abriria o "século dos jesuítas"[8], período cujo final se encontra com as tentativas de Sanchez Labrador localizar um caminho entre o Paraguai e o território das missões de Chiquitos. Entre as atividades de um e outro, encontramos nomes como os de Eusébio Kino e Wenceslau Link que exploraram a Baixa Califórnia, Mascardi, Havenstad e José Garcia que viajaram pelo Chile, Thomas Falkenr que viajou pelo Chaco e pelo Pampa, enquanto Jose Quiroga, Matias Strobel e José Cardiel movimentaram-se pela Patagônia. (Barcelos, 2006; Amaya, 2008). Todos percorreram regiões que eram marginais aos centros de poder, às cidades, portos e mercados, muitas vezes atuando em instáveis fronteiras com o mundo indígena. Desde aí produziram uma série de relatos extremamente ricos e, por vezes únicos, sobre o que podiam observar.

Algumas destas viagens produzem "relaciones geográficas" que, como as "encuestas" e "relaciones" do século da Conquista, efetuaram descrições dos territórios e de suas populações, se prestando a objetivos claramente imperiais[9] e atendendo as necessidades da dinâmica posta em curso pelas chamadas "reformas bourbônicas"[10]. Por outra parte, avaliam as condições para o empreendimento de missões ou para fazer a ligação entre áreas missionárias. Entretanto, não podemos dissociar estes dois elementos de um outro que é igualmente importante,envolvendo fins ditos "científicos", inclusive para

[8] O autor esclarece que esta designação não respeita necessariamente a cronologia dos anos 1700 e 1799, uma vez que se pode dizer que o período assim denominado começa em finais do XVII (com as viagens de Fritz no Amazonas e Kino na Baixa Califórnia), e se encerra abruptamente em 1767-1768, logo depois das viagens de Sachez-Labrador buscando um caminho entre o Paraguai e as reduções de Chiquitos (1767), e Wenceslao Link (pela Baixa Califórnia) entre 1765 e 1767.

[9] É o caso dos conhecidos trabalhos produzidos pelos oficiais espanhóis Jorge Juan y Santacilia e Antonio de Ulloa que acompanharam a expedição geodésica francesa com a missão de, entre outras coisas, registrar e dar a conhecer informações sobre as regiões percorridas. Os espanhóis publicaram em 1748 a sua "*Relación Histórica del Viage a la América Meridional*".

[10] Como sabemos, a monarquia espanhola ao longo do XVIII procurará revigorar os controles sobre os territórios ultramarinos, acentuar sua presença ali onde era necessário e conveniente, e expandir-se para novas áreas.

alimentar as necessidades de instituições como os Jardins Botânicos e os Reais Gabinetes de História Natural.

Efetivamente, embora a criação de novos súditos por meio da evangelização continuasse se apresentando como o desafio que mobilizava em primeiro plano os jesuítas, é possível ainda perceber a importância que assume, então, a busca pela integração das zonas periféricas à ordem universal da ciência (PRATT, 1999, DEL VALLE, 2009). Neste sentido, alguns textos resultantes de viagens de jesuítas no século XVIII são muito diferenciados daqueles de seus antecessores. Uma comparação deste tipo, a partir do "Diário[11] de uma missão ao Rio Sauce, de Jose Cardiel[12] é o que apresentamos a seguir.

Viagens ao "Sul do Sul":

Os "confins meridionais" do Império espanhol na América começaram a merecer uma atenção mais destacada das autoridades nas décadas centrais do século XVIII. Até então, a fronteira austral da colonização estava assentada nos arredores de Buenos Aires, sendo que os territórios mais ao sul da cidade-porto vinham sendo apropriados pelos "brancos" de uma forma bastante peculiar. Isto é, assim como os grupos indígenas, também os *criollos* percorriam-no em busca em busca de gado a ser caçado. Depois das primeiras décadas do século XVIII porém, tornou-se evidente a forte

[11] A primeira edição do texto, que estamos aqui consultando, foi preparada por Guillermo Furlong Cardiff em 1930 em Buenos Aires. Até esta publicação, conhecia-se apenas o "Extrato ó resúmen del diário del Padre José cardiel en viaje que hizo desde Buenos Aires al Volcon, y de este siguiendo la costa patagônica, hasta el Arroyo de la Asención", publicado por Pedro de Angelis em 1836-1837, também em Buenos Aires.

[12] Nascido em La Guardia, Espanha, em 1704, Cardiel chegou a Buenos Aires em 1729. Dois anos depois, foi encaminhado para trabalhar nas reduções de guaranis. Também tomou parte na fundação das primeiras missões junto aos mocobis e abipones e participou da catequese de charruas, pampas e serranos. Ele estava nas reduções de guaranis quando da assinatura e tentativa de execução do Tratado de Madrid, e envolveu-se diretamente nas polêmicas em curso, sofrendo, por isto, a censura do padre Visitador Lope Luis de Altamirano. Após a "Guerra Guaranítica" foi designado para restaurar a redução de *San Miguel* destruída pelo conflito. Cumpriu, por estes anos, atividades intimamente vinculadas às esferas de poder político e diplomático, e acompanhou o comissário espanhol encarregado de estabelecer os limites entre as jurisdições dos dois impérios. Estava no povoado de *Concepción* quando recebeu a notícia do decreto que expulsava os jesuítas dos reinos americanos da Espanha. Foi detido em 1768 e embarcado com outros 30 jesuítas. Chegando à Cadiz em abril de 1769, foi enviado para Faenza, onde faleceu em dezembro de 1781.

diminuição destes rebanhos, ao mesmo tempo em que crescia o interesse por avançar as fazendas de criação para este território.

O acirramento do conflito com os nativos que isto gera, vai apontar para uma solução conhecida e testada em outras épocas e em outras geografias: a instalação de missões[13]. Além disto, as autoridades civis da província passam a se empenhar por melhor conhecer e mapear locais para aperfeiçoar as defesas imperiais, instalar portos ou povoações. Justamente para isto é realizada uma primeira "viagem científica" para esta região, da qual participará um grupo de jesuítas. A empresa ocorreu com o apoio da Coroa, que inclusive financiou parte do seu percurso:

> *Pusose em ejecución el orden real, aprestose para ello la fragata San Antonio que acababa de llegar de Espana, y con ella 25 soldados por no caber más com los marineros y viveres de seis meses, (...) Eramos entre todos ochenta personas* (Cardiel, Carta de diciembre de 1747. Apud: FURLONG-CARDIFF, 1930: 22).

As habilidades requeridas dos padres convidados a participar do empreendimento assinalam interesses que estavam além da catequese: Matias Strobel era conhecedor de idiomas e costumes indígenas locais; Jose Cardiel era cartógrafo, e José Quiroga especialista em navegação e cartografia (BARCELOS, 2006: 250). A conjugação de interesses entre a Coroa e a Ordem que presidiu a iniciativa, é rememorada por um de seus participantes: "emprendimos al fin de 1746[14], el viage por mar a las Costas de Magallanes para conbertir a nuestra santa fe los infieles ... y por otros fines del bien público que también el Rey pretendía" (CARDIEL, 1930: 250-251).

O percurso foi conduzido por mar, mas fizeram-se incursões terrestres, em terrenos percebidos como áridos e desolados. Anotou-se também não haver sinal da presença de populações indígenas.

[13] A formação da primeira missão jesuítica na área ocorreu pelo trabalho dos padres Manuel Querini e Matías Strobel. Iniciada em maio de 1740, a redução de *Purísima Concepción de los Pampas* assentou um pequeno número de índios. A presença dos padres deveria introduzir uma forte dose de tensão na área, haja vista que o povoado se configurava como um pequeno fortim, circundado por um fosso e guardado por peças de artilharia leve fornecidas pelo Governador de Buenos Aires. *Nuestra Señora del Pilar* (1746-1747) e *Madre de los Desamparados* (1749) foram as outras duas "missões austrais".

[14] Há aqui um equívoco na data. O grupo embarcou em dezembro de 1745, tendo regressado para Buenos Aires em abril de 1746.

> … saltamos en tierra en diversas costas, registrando por un lado y por otro. Ibamos a veces (...) como por costas incógnitas con grande riesgo. Hallamos tres ensenadas y tres buenos puertos, pero ni en aquellos ni en estos había leña ni agua buena, ni pasto ni tierra de sustancia, calidades necesarias para poblar, ni rastros algunos de indios. … (CARDIEL, 1930: 22).

Além das medições obtidas *in loco*, corrigindo informações anteriores sobre locais visitados, os jesuítas também tiveram a oportunidade de contestar notícias sobre a existência de rios e lagunas, bem como sobre os famosos gigantes que habitariam a Patagônia[15].

Depois de 4 meses o grupo regressou para Buenos Aires:

> Ibamos a veces por entre escollos como por costas incógnitas, con gran riesgo. Padecimos fuertes tempestades del sudoeste que aqui llaman pampero que nos echava a alta mar alejándonos de tierra. Es reparo que hicimos entonces y en dos anos que han pasado despues acá. Hallamos tres ensenadas y tres buenos portos, pero ni en aquellos ni em estos abía lema ni água buena, ni pastos ni tierra de substancia, calidades necesarias para poblar, ni rastros alguno de índios ... .
>
> ...y todo lo hallamos desierto y estéril (Cardiel, Carta de diciembre de 1747. CARDIEL, 1930: 22 e 23 repectivamente).

As observações do jesuíta de alguma forma anunciam aquela que seria a imagem firmada sobre os territórios austrais no XIX, isto é, a noção de deserto. Valeria aqui também, portanto, a conclusão de Renan P. Freitas (2005) sobre um certa "literatura de revelação" para a Amazônia apontada anteriormente, apresentando importantes elementos da tradição narrativa que se consagra sobre dados espaços. De fato, até bem avançado o século XIX as porções mais austrais do território argentino foram conhecidas como "deserto", regiao que acabaria apropriada a partir de campanhas militares[16] que culminam em 1879.

Dois anos depois da viagem de 1746, já em meio aos esforços para erigir missões na área, José Cardiel, vai obter licença das autoridades para levar adiante uma nova incursão aos territórios ao sul, objetivando chegar a desembocadura do Sauce,

[15] O tema dos "patagones" foi presença constante na literatura de viagens sobre a Patagônia desde que seu primeiro registro efetuado por Antonio Pigafetta (1520), cronista da expedição de Magalhães.

[16] Em sentido amplo poderíamos falar em um conjunto de campanhas militares levadas a cabo pelos colonizadores e, depois, pelos governos provinciais argentinos e que "culminam" na grande campanha do General Roca em 1879.

como era chamado então o Rio Negro. Sua viagem iniciada em fins de março de 1748 não chegou ao destino pretendido, tendo sido o missionário abandonado pelos guias indígenas que o conduziam, e obrigado a retornar antes do previsto.

> El día 21 estando ya cargadas las cavalgaduras, salieron el Baqueano ò guía, y el intérprete, diciendo que se querían volver, que hacia mucho frio (que era verdad) que estaba lexos. Ya las noches antecedentes habían hablado mucho de esto, a que añadían que los infieles que buscábamos eran mui barbaros y sangrientos, que nos habían de matar. Aunque procuraba yo hacerlos callar proseguian en su tema. (…) Volvieronse a galope dejandonos solos, viéndome sin guía ni lengua imposibilitado no tanto a caminar adelante, quanto a hablar y declarar a los indios mi venida, me fue preciso volver atrás (...). (CARDIEL, 1930: 261).

Apesar de sua frustração, o deslocamento por estas áreas onde deambulavam grupos de caçadores-coletores e em que ainda quase nada se verificava de presença européia, oportunizou ao jesuíta a escrita de um diário e a preparação de um mapa que vieram a se constituir em documentos de apreciável valor.

Como já dissemos, a elaboração de artefatos desta natureza por parte dos missionários pode estar associada ao processo de conhecimento do interior dos continentes, e ao que Pratt chamou de "nova consciência planetária" (1999) para a qual os jesuítas não devem ter estado alheios. Cardiel, por exemplo, parece tão interessado em reconhecer e avaliar os grupos indígenas que seriam potenciais alvos de uma atividade apostólica, quanto em verificar as possibilidades econômicas das áreas visitadas e, ainda, em avançar no "conhecimento correto" dos espaços percorridos. Este conhecimento, contudo, nos parece dirigido a questões diferentes daquelas de que se ocupava Samuel Fritz nos finais do XVII e primeiras décadas do XVIII. O missionário "alemão" perscruta a várzea amazônica avaliando as possibilidades para o trabalho de catequese. Preocupam a ele a presença dos grupos indígenas, os caminhos que façam chegar até eles e a existência de sinais de sua "disposição" para a catequese, bem como as informações que sustentem o domínio da área para a Coroa espanhola. Seu interesse em discutir este tema e afirmar a legitimidade dos interesses espanhóis inclusive determinou que fosse percebido como um "espião" em busca de informações prejudiciais para Portugal. O jesuíta espanhol por seu turno, percorre espaços e que a presença indígena é rala e suas observações sobre eles busca evidenciar a existência de

portos naturais que permitissem a navegação, estabelece latitudes e longitudes, nomeia rios e arroios, mede e avalia as marés.

Assim como Fritz, Cardiel se via desafiado pelas dificuldades do ambiente, e o frio, a umidade, a escassez de alimentos e o medo do ataque de grupos hostis cobraram seu preço. Tanto quanto seu companheiro de Ordem inventaria as aldeias e as populações amazônicas, ele se interessa por reconhecer e avaliar os possíveis grupos indígenas que deambulavam pela área (embora não os tenha encontrado), seus territórios de circulação e as possibilidades de que se instalassem missões aí. Fritz localizou inumeráveis assentamentos indígenas que diligentemente assinalou no seu famoso mapa; Cardiel não encontrou nenhuma aldeia, num espaço que aliás, os índios percorriam apenas estacionalmente. O que ele registrou assim, foram dados sobre o clima e a paisagem, características geológicas, sobre a flora e a fauna, baías, enseadas e portos naturais.

As possíveis motivações "políticas" da viagem e do mapa produzido por Samuel Fritz, que esteve inclusive preso no colégio de Belém sob a suspeita de ser um "espião" a mando dos espanhóis, não estão no alvo de nossa análise. Não desconsideramos entretanto, que o jesuíta tenha denunciado duramente as entradas das tropas de resgate dos portugueses como desestabilizadoras da catequese dos índios. Nem, que ele tenha defendido de maneira decidida a legitimidade da presença espanhola nesta área, em detrimento da portuguesa. Contudo, especialmente o diário se justifica por outros motivos. Embora não seja escrito como um texto de edificação, da mesma natureza das inumeráveis cartas que os jesuítas redigiram neste sentido, ele acaba operando como tal. As notas que ele aponta, ajudaram a conformar a imagem do sacerdote e torná-lo uma "lenda viva". Desde as primeiras frases em que ele descreve como, encontrando-se só e doente em uma aldeia nas margens do rio, decide lançar-se em busca de socorro, numa jornada que o leva da missão de Laguna até Belém do Pará, as páginas que se seguem estimulam, sem dúvida, este tipo de empatia. Além disto, o texto informa sobre as várias aldeias que percorre e denuncia as mazelas resultantes das tropas de resgate, que colocam em risco todo o trabalho de catequese empreendido pela Ordem na região. Muitas das informações sobre a natureza que o documento traz, inserem-se no âmbito do sobrenatural, acrescentando-se aos relatos sobre a abnegação e dificuldades

suportadas pelos jesuítas. Finalmente, é de se destacar que o jesuíta dá voz aos índios, até mesmo para anotar a impressão que eles cunhavam a seu respeito, em passagens ricas e cheias de significados para os historiadores modernos.

A viagem que Fritz empreendera pelo rio, em meio ao calor e umidade da floresta, Cardiel realiza por terra, pela pampa argentina, batida por ventos frios e em paragens desoladas. Ambos se ressentem do isolamento e da solidão em um mundo às margens da presença ocidental. Mas o Diário de Cardiel, escrito meio século depois daquele do seu precedente, é um texto sóbrio. Ainda que não faltem notas sobre as dificuldades enfrentadas pelo padre e seus acompanhantes, ele é permeado de informações medidas em léguas, e escrito a partir de um olhar atento para as potencialidades práticas de estabelecer portos, povoados e missões. Embora saibamos que a Coroa estivesse então empenhada em garantir que as embarcações estrangeiras (em especial as inglesas), não ameaçassem os domínios espanhóis na área, reflexões sobre rivalidades imperiais não aparecem explicitamente no diário. Elas serão sim, alvo de outra obra sua[17], muito mais extensa e de natureza polêmica[18], mas que exigiria outro trabalho para ser analisada.

Conclusão

Entre tantos temas possíveis de análise aludidos por esta rápida reflexão, quero ressaltar apenas alguns.

Primeiramente, é possível sugerir que os compromissos em que se envolveram os dois personagens aqui destacados correspondiam de alguma forma ao ideal missionário construído em face do Novo Mundo. Samuel Fritz e Jose Cardiel se deslocaram por um cenário em estado de natureza que lhes cabia desbravar e civilizar como parte de seu trabalho como padres da Companhia. Sabemos que a sua compreensão sobre o

[17] Declaración de la Verdad" (1758)

[18] Cardiel foi um dos mais renomados entre os religiosos expulsos da Província Jesuítica do Paraguai pelo Decreto Real de 1767 de Carlos III. Sua notoriedade levou a que o próprio governador de Buenos Aires, Don Francisco de Paula Bucarelli y Ursua, governador responsável pela execução da Pragmática Sanção promulgada em 27 de fevereiro de 1767 pelo rei Carlos III, que determinava a expulsão dos jesuíta, instruísse para que se tivesse especial cuidado no momento da sua detenção ocorrida em 1768 (FURLONG CARDIFF, 1930: 60). Sobre isto ver: MARTINS, Mª. Cristina Bohn . Jesuítas na América do Sul: Práticas missionárias, escrita política. In: Luiz Felipe Viel Moreira. (Org.). *Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana.* 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2007, v. 1, p. 11-31.

processo de evangelização envolvia a idéia de que era preciso "civilizar para catequizar", isto é, levar os grupos dispersos e viver em "policia", o que implicava em agrupamentos permanentes e organizados ao molde das Leis de Índias. Esta racionalidade desafiava muitas vezes a práxis indígena, erigida em torno das condições postas por ambiente (da floresta ou da pampa) que recomendava justamente a dispersão e os deslocamentos sazonais.

Assim, a floresta impenetrável ou a aridez da pampa patagônia desafiaram suas condições físicas, seus talentos e sua fortaleza espiritual, mas não mais do que as populações as quais eles dirigiam seu esforço e seu ideal de civilizar para cristianizar. A perspectiva pela qual miram os grupos indígenas das regiões percorridas será marcada por este selo, embora isto não uniformize suas opiniões. Samuel Fritz é mais condescendente e até mesmo mais simpático em suas avaliações, pertcebendo os índios como ingênuos e indefesos; Cardiel é um bom exemplo do olhar menos "generoso" com que os europeus avaliaram os americanos no XVIII. Para ele, os índios são traiçoeiros, dissimulados, preguiçosos e interesseiros. Sua simpatia se dirige quase que apenas aos guaranis das "Missões do Paraguai", mas isto se estabelece justamente na medida em que tais índios teriam já sido "civilizados" pelo trabalho de seus companheiros de ordem.

Em segundo lugar, há que se ressaltar aquilo que Renan Freitas Pinto chamou de "sentido cosmopolita" da presença e da ação dos jesuítas em várias regiões do mundo (2006: 192). No século XVIII o número de escolas administradas pela Companhia girava em torno de 800, constituindo o mais extenso sistema educativo do mundo (DEL VALLE, 2009: 48). Acima destas escolas, seus Colégios eram, muitas vezes, pontos de convergência de conhecimentos, língua e arte de várias partes do globo. Sabemos que a Ordem estimulava o desenvolvimento de vocações particulares, permitindo que seus membros buscassem campos em que lapidar seus talentos e potencializar suas obras. A partir disto, é possível reconhecer sua participação até certo ponto pioneira em estudos lingüísticos, geográficos, etnológicos, botânicos e cartográficos e na renovação que os mesmos conhecerão no XVIII. Acrescentemos a isto o formidável investimento escriturário dos padres, condição que veio a possibilitar e amplificar a circulação dos conhecimentos produzidos. Os escritos de muitos jesuítas permitem perceber, ao lado

das notícias e informações sobre a catequese dos índios e as missões, como eles estiveram envolvidos em buscar e divulgar informações sobre temas em sintonia com muitas questões da ciência da época. Foi assim que contribuíram, por exemplo, para fortalecer discursos que instituíam a divisão entre centros e periferias e estabeleciam determinado tipo de relações entre estes espaços.

Finalmente, e em relação a este último ponto, é oportuno advertir que, apesar do nome que recebem, os dois diários aos quais aludimos neste trabalho, não carregam a expectativa de intimidade que atualmente associamos a este gênero de escrita. Lembremos, para o caso de Fritz, que seu texto foi "editado" (resumido, parafraseado, comentado, interpolado e censurado) por Pablo Maroni antes que este o incluísse nas suas "Notícias Autênticas do famoso rio Maranhão missão apostólica da Companhia de Jesus da província de Quito nos dilatados bosque do dito rio", escritas entre 1730 e 1738[19]. Como boa parte dos textos jesuíticos, este material – especialmente na configuração que assumiu através de Maroni – compartilha informações sobre a evangelização dos povos do Novo Mundo entre companheiros dispersos por várias áreas de missão, ao mesmo tempo que dá notícias de edificação para estimular vocações e doações que sustentavam suas obras.

Também o Diário de José Cardiel foi escrito para divulgação, neste caso específico, da viagem e observações de seu autor. É um registro relativamente curto, que cobre um período de cerca de 3 meses (11.03 a de 14. 06. 1748), ao passo que Fritz estabeleceu anotações por um período que se estende por mais de 30 anos (1689-1723), embora com interrupções. O sacerdote boêmio não declara o que o motivou a produzir seus registros, enquanto Cardiel explora este tema mais de uma vez. Aponta, entre outros motivos, a necessidade de dar a conhecer as possibilidades do terrenos para assentar *pueblos* (se há pasto, lenha e água, por exemplo), para dar notícia "de lo bueno ó malo que hay en estas playas tan temidas como ignoradas, y que sepan en delante los pilotos que bam almar del Sur por el Estrecho de Magallanes ó por el cabo de Hornos, donde hallaron agua y acollida en sus necessidades (CARDIEL 1930: 261).

[19] Publicadas pela primeira vez no *Boletín de la Sociedad Geografica de Madrid*, tomos 26 a 33, de 1889 a 1892.

Os dois religiosos passaram temporadas em espaços em que eram as vezes os únicos representantes dos costumes europeus. Apesar disto, eles não deixaram de ser um dos eixos centrais do projeto "civilizador" da colônia. Sua presença nestas "fronteiras" os colocava como vanguarda deste projeto, e seus textos se constituem em um instrumento inicial de tomada de posse [dados, mapas, e informes...] das mesmas.

Bibliografia

ACUÑA, Christóbal de. "Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas. Pelo padre Christóbal de Acuña, Religioso da Companhia de Jesus (...) no ano de 1639 (...)." In: ESTEVES, Antônio R. (ed). *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*. Montevidéu: Consejeria de Educación de la Embajada de España en Brasil; Oltaver, 1994.

AMAYA, Yesica. Itinerários de viagem pelos confins do território americano: os missionários jesuítas e a expansão para a área ao sul de Buenos Aires In: ANZAI, Leny Caselli e MARTINS, Maria Cristina Bohn. *História colonial em áreas de fronteira. Índios, jesuítas e colonos*. São Leopoldo/Cuiabá: Oikus, Ed. da UNISINOS, Ed. da UFMT, 2008, pp. 13-38.

BARCELOS, Artur, O mergulho no seculum: exploração conquista e organização espacial na America espanhola colonial, *Tese de Doutorado*. Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

CARDIEL, Jose. *Diario de viaje y Misión al Río Sauce realizado en 1748*, con prólogo de G. Furlong-Cardiff y F. Outes, Buenos Aires, 1930.

CARDIEL, Jose. Carta del Padre jesuita José Cardiel, escrita al Señor Gobernador y Capitán General de Buenos Aires, sobre los descubrimientos de las tierras patagónicas, en lo que toca a los Césares (11 de agosto de 1746). Disponível em: http//www.cervantes virtual.com Acessado em março de 2007.

CARVAJAL, Gaspar de. Relación que escrebió Fr. Gaspar de Carvajal, Fraile de la Orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrio por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echo a su ventura por el dicho rio, y por el nombre del capitan que le descubrio se llamo el Rio de Orellana". In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986 (Crónicas de América 19).

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DEL VALLE, Yvonne. *Escrebiendo desde los márgenes. Colonialismo y jesuítas en el siglo XVIII*. México: Siglo XXI, 2009.

FRITZ, Samuel. *Diário. Introducción de Hernán Rodrigues Castelo*, Quito, Studio 21, 1997.

GARCIA, Rodolfo. *O Diário do padre Samuel Fritz*. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, 1917.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000 (Coleção o Brasil visto por estrangeiros).

MARTINS, Mª. Cristina Bohn . Jesuítas na América do Sul: Práticas missionárias, escrita política. In: Luiz Felipe Viel Moreira. (Org.). *Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana.* 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2007, v. 1, p. 11-31.

MAZÍN, Oscar. Gente de saber en los virreinatos de Hispanoamérica. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir). *Historia de los intelectuales en America Latina* I. La ciudad letrada, de La conquista al modernismo. Madrid: Katz, 2008, pp. 53-78.

PINTO, Renan Freitas. A viagem das idéias. *Estud. av.* [online]. 2005, vol.19, n.53, pp. 97-114. ISSN 0103-4014.

_____. (org.) *O diário do padre Samuel Fritz*. Manaus: EDUA, Faculdades Salesianas Dom Bosco, 2006.

PORRO, A. 1993. *As crônicas do rio Amazonas: Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis, Vozes, 1993.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império*. Narrativas de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo, Brasiliense, 1985.